

MONSTROS, PANDEMIAS E GENOCÍDIO: OS NOVOS DISPOSITIVOS DA VÍRUS-POLÍTICA

MONSTERS, PANDEMICS AND GENOCIDE: THE NEW DEVICES OF THE VIRUS POLICY

*Gianluca Cuozzo*¹
Tradução de *Roberto Sávio Rosa*²

Resumo:

Em um mundo em que, devido à possibilidade de contágio viral, é a proximidade a ditar as regras da morte, a vida (biológica e social) assume o aspecto cada vez mais destacado da necessidade cega. A morte golpeia fatalmente, como no mundo imaginado por Kafka, onde a burocracia pune também na ausência de proibições explícitas. A pandemia serve assim a instrumentalização ideológica de diversos tipos: das horrorosas/horríveis políticas negacionistas, que tendem a favorecer, de forma cinicamente programada, o genocídio daqueles que, frente a um estado de exceção sem precedentes das democracias, gostariam de suspender grande parte das liberdades individuais. Em tudo isso, permanece ausente a voz do pensamento crítico capaz de vincular a pandemia à grave crise ecológica que atravessamos. O desmatamento em escala global provavelmente responde pela origem do salto de espécies realizado pelo vírus. Os animais selvagens, não encontrando mais um habitat apropriado, se aproximam da paisagem antropizada, produzindo – em rápida sequência de adaptação e mutação do vírus do qual são inocentes portadores – o distanciamento do ser humano de si mesmo. O paradoxo, portanto, é aquele da proximidade natural (degradada em função nas nossas atividades produtivas irresponsáveis) geradora do distanciamento social.

Palavras-chave: Distância – morte – necessidade – lei

Abstract:

In a world which, due to the possibility of viral contagion, it is proximity that dictates the rules of death, life (biological and social) takes on the increasingly prominent aspect of blind necessity. Death strikes fatally, as in the world imagined by Kafka, where bureaucracy also punishes in the absence of explicit prohibitions. The pandemic thus serves the ideological instrumentalization of various types: from the horrible denialist policies, which tend to favor, in a cynically programmed way, the genocide of those who, in the face of an unprecedented state of exception of democracies, would like to suspend most of the individual liberties. In all this, the voice of critical thinking capable of linking the pandemic to the serious ecological crisis we are going through remains absent. Deforestation on a global scale probably accounts for the origin of the jump in species carried out by the virus. Wild animals, no longer finding an appropriate habitat, approach the anthropized landscape, producing – in a rapid sequence of adaptation and mutation of the virus of which they are innocent carriers – the distancing of human beings and from themselves. The paradox, therefore, is that of natural proximity (degraded due to our irresponsible productive activities) that generates social distancing.

Keywords: Distance – death – necessity – law



Inspiro-me em algumas reflexões amadurecidas durante a pandemia, que ocorreu na Itália, com graves consequências sanitárias e sociais, em fevereiro-março de 2019.

Quando nossas vidas estão em jogo a menos de um metro de distância, o problema do distanciamento se torna convincente. Isso nos fala de uma necessidade (a nossa sobrevivência) e de uma exigência (a proximidade dos outros). Nesse interstício, em que amadurece tanto a hodierna salvação (assustadoramente apolítica) quanto o nosso desejo de continuar a ser animais políticos (tendência hoje a ser estigmatizada), observamos perturbados do interior de nossas celas-habitações, a modificação atual da política, do trabalho, da comunicação, das compras, dos afetos e do ensino. Alterações nas práticas da vida que, talvez, não considerávamos importantes, mas nas quais – e isso é evidente justamente quando essas práticas resultam impossíveis no plano da prescrição – está estruturado o convívio social.

Em torno a nós, à distância de um metro, tudo o que somos e possuímos está em jogo. Nesse campo gravitacional os significados são atraídos como em um redemoinho, para depois retornarem a nós de forma distorcida, absolutamente não previsível antes da crise. O ser-para-a-morte, da possibilidade transcendental objeto da especulação existencial erudita, assume hoje aspecto da banalidade, do caso mais fortuito (um encontro fatal de duas semanas atrás) e das coordenadas espaciais em que ocorreram (ignoramos o perigo) nossos movimentos anteriores. Poderíamos acordar em uma determinada manhã como Josef K., “sem ter feito nada de errado”, encontrando à nossa cabeceira dois homens desconhecidos, vestidos de casaco de enfermeiro e máscaras a nos intimar: “você não pode sair, você está preso” (KAFKA, 2009, p. 318) – ou, melhor dizendo, estás em quarentena.

Trata-se, em efeito, da mesma banalidade dos agressores de *O processo* de Kafka, que atacam ao acaso sem razão alguma: o vírus está sempre pronto a golpear; se ele golpeia (mortalmente ou não, difícil prever) é porque está em seu poder fazê-lo. No fundo deve fazê-lo, porque possui um bastão muito particular e eficaz, com o qual se insinua no nosso sistema imunológico para agredir o organismo, até levar ao colapso os nossos pulmões. Também o vírus poderia dizer: “estou encarregado de agredir, portanto agrido” (KAFKA, 2009, p. 396).

Este mecanismo simplificou terrivelmente nossos procedimentos de compreensão da realidade. Como geralmente ocorre em certa ficção literária quando falamos de invasão alienígena: *Alien* (filme de 1979 dirigido por R. Scott), por exemplo, apresenta somente uma finalidade, aquela de alimentar-se de vida humana, parasitando-a para fins reprodutivos. Uma trama totalmente destituída de fascínio e sedução, diria Baudrillard, em que tudo se mostra ao nosso olhar na ausência de significados, referências, alusões. Como um filme erótico que começa explicitamente com uma cena de coito: nenhum mistério, simplesmente um armazenamento visual da realidade exibida sem véus, que tem algo obsceno, pornográfico, perdendo assim o significado (BAUDRILLARD, 1997, p. 55). O visível é tudo, a história se desenrola à luz de um eterno presente que não permite nenhum acerto de sondagem, nenhuma dúvida, nenhum imprevisto, nenhuma investigação adicional. O início e o fim da história mordem o rabo; no fundo a narrativa não decola e não conduz a parte alguma. Em ambos os casos, assistimos somente uma luta pela posse mútua de um corpo coisificado, condenado desde o início a sofrer o jogo do desejo exibido na sua grosseira instintividade; ou, e é o nosso caso, a uma luta entre

a vida e a morte – mas onde arriscar a própria existência não faz com que a certeza de si adquira qualquer momento de verdade (o superamento hegeliano da “posição *natural* da consciência” aqui não é dado (HEGEL, 1985, p. 156)): aqueles que escapam das fatídicas duas semanas de doença, não se pode dizer que evitaram o perigo ou que se encontrem totalmente imunizados.



A simplificação que estamos assistindo, enquanto ausência de mediações em relação ao sentido, é bem representada na série de televisão *The Outsider*, de 2020 (inspirada em um romance de Stephen King): onde o “bicho papão/monstro” – comumente conhecido como *boogeyman* – persegue seu único objetivo, alimentar-se de humanos, causando ao seu redor imensa tristeza e dor gratuita; infelicidade que produz nova fome de vida da parte da entidade sem nome que atua fora de qualquer esquema ou lógica, eliminando qualquer questão que surja daqueles que estão sitiados por um perigo cego. O inimigo é uma entidade obscura e parasitária, sempre presente nas fábulas e nas lendas mais sombrias: a sua história obsessiva pode ser narrada, contada sempre de novo, mas jamais compreendida. O *boogeyman* age assim porque assim deve agir; inútil se perguntar as razões dessa maneira de agir, qualquer investigação seria destinada ao encerramento em face da ausência de respostas. Não há pensamentos nem sentimentos, mas puramente vontade que se autoafirma na redundância muda e enjoativa da morte dos outros. A sua presença embora indecifrável é portanto realíssima, as consequências produzidas em torno dela são macroscópicas. Cherokee City (a pequena cidade americana em que a narrativa se passa sem acontecer) e Bergamo (ossificada em um eterno presente de morte, em que a única novidade por longas semanas era a contagem do número de caixões) são os rostos espelhados de um (mesmo consórcio humano assediado por um luto que não tem nome ou razão de ser: cidades silenciadas pelo medo, puro terror para o que não tem rosto, mas mata. O “bicho papão” e a Covid-19 também são entidades invisíveis, em que o poder mortal se desdobra além de qualquer significado compreensível. *É o poder absoluto disso que mata sem significância*. Se trata da ideia de morte mais assustadora que se poderia esperar à época da espetacularização social e das intermináveis investigações jornalísticas. Quem poderia acreditar que a morte, em um estado de paz aparente, poderia fazer tantas vítimas sem despertar comoção, rebelião, luta pela vida e indignação? Fomos esmagados pela banalidade, com consequências que pesarão como uma pedra em

nossas vidas políticas pós-pandemia – presumindo que seja possível sair da emergência completamente.

À distância de um metro a vida fica mais fácil. Bem e mal tornam-se entidades banais, adquirindo pela primeira vez evidência lapidar, que não se presta a qualquer procedimento hermenêutico. Como no pensamento primitivo, dicotômico por excelência (LANTERNARI, 1997, p. 230), positivo, bom, justo é tudo isto que já foi esterilizado, submetido a protocolos de profilaxias preventivas; negativo, ruim, errado é isto que *per contactum* – como um sortilégio maléfico – transmite uma partícula muito simples de meia-vida, constituída de ácidos nucléicos e proteínas. Um único filamento de RNA cercado por um capsídeo de proteína de aproximadamente 100 nanômetros de tamanho; ponto quase inextenso de matéria orgânica ao qual permanecem pendurados valores, solidariedade, novos hábitos, política, afetos, a mesma vida e a mesma morte (na sua máxima simplificação, entendida como simples dados biológicos). Sobre este centro de gravidade invisível se desencadeia a dialética schmittiana amigo-inimigo, que corresponde a espacialização política dentro/fora: fora está o perigo, enquanto que a casa é nosso escudo protetor, que deve ser oportunamente imunizado disso que é estrangeiro/estranho. Luvas, máscaras, obsessão por qualquer contato indevido no qual o que está dentro e o que deve estar fora se misturem, distante dos olhos (que não vêem o perigo) e da boca (que não é capaz de advertir que gosto tem o inimigo sem rosto). Daí a superstição e a atenção micrológica aos detalhes invisíveis, objetivando evitar o inevitável, que está sempre um passo à frente de qualquer prática de autopreservação. Lavar as mãos, quase uma oração; evitar de tocar superfícies impuras; o ritual de colocação de máscaras, etc.

Nesta profilaxia social do tipo maníaco assistimos a um uma reversão repentina de qualquer política de incentivo ao consumidor, de modo que o que concede sentido e consistência midiática à nossa busca pela felicidade material é colocado fora da esfera familiar de sobrevivência. No entanto, em nossos televisores – como se fossem mensagens de um outro mundo – testemunhamos ainda comerciais de carros passando por cidades cheias de vida (quando até a pouco tempo atrás eles corriam em paisagens sem vestígios humanos); ou em churrascos festivos em refeições entre amigos, sob a bandeira do compartilhamento e do reconhecimento mútuo, *vis à vis*, como se o mundo de antes existisse ainda. Essas histórias nos falam de um mundo que se encontra distante de nós a pouco mais de um metro, se bem que no auge da pandemia tal situação comparava de todo inatingível. A utopia da vida cotidiana, improvisamente se revela pelo que já era: uma utopia, ou seja, uma simulação bem pensada, capaz de aparecer mais real que a nossa miserável realidade – mas ainda um simulacro direto na linguagem blasfema de coisas a perder, das montanhas de lixo, em nome de uma entropia que consome os recursos e o meio ambiente, em um afinamento progressivo do reservatório genético da natureza em que se baseia o sucesso da vida; com o resultado paradoxal “de contrair e empobrecer as bases da nossa própria existência” (PECCEI, 1976, p. 111). No fundo, esses comerciais publicitários nos conduzem ao mundo de *Matrix* (o primeiro da saga, aquele de 1999), com a direção dos irmãos Wachowsky: onde o mundo real, que se encontra abaixo das projeções mentais de uma simulação digital prodigiosa (cortina virtual de bit sobre a qual se funda a aparência de uma realidade perdida há muito tempo), é um mundo desertificado, constituído de escombros sombrios daquilo que restou após a catástrofe nuclear. Nessa realidade desoladora

o homem é sugado por máquinas rebeladas que se alimentam da sua bioeletricidade – larva meio viva que não possui nem mais nem menos que a função de uma bateria de lítio de 120 volt; e a sua necessária passividade vem recompensada, através de um potente computador, por meio de uma “neuro-estimulação interativa” que o faz viver em uma configuração de mundo assim como era conhecida no final do século XX.

Nessa banalização, que revela toda a nossa fragilidade, também as palavras retornam ao seu significado originário: involução do sentido que, na elisão de todo significado traduzido, retorna ao seu imediatismo. Aderência doentia de nome e coisa que não permite o exercício de qualquer competência exegética, de alguma interpretação de sentido, de certa crítica. Até a algumas semanas atrás, o conceito de “difusão viral” era empregado para descrever fenômenos midiáticos de grande impacto nas mídias sociais: os influenciadores, última encarnação do *Weltgeist-espírito do mundo* hegeliano em formato digital, mensuravam a sua visibilidade baseada na difusão *pandêmica* das suas declarações, de seus gestos marcantes e dos comentários feitos por seus seguidores sobre as postagens em seus perfis extremamente populares. Embora o *vírus* (em Latim *veneno*) tenha se tornado um programa de informática transmitido ilegalmente para alterar o funcionamento de um computador ou de uma rede. Malware, por outro lado, é a contração de *software malicioso*, e também se difunde por contato. Hoje, improvisamente, viral é a difusão de vírus, somente isso. E não é um fenômeno positivo, até porque *viral* é o anagrama de *rival*, e o ser humano – por um longo período da história, e ainda hoje em alguns lugares do mundo – teve como seu próprio antagonista, no curso de afirmação da própria espécie, não certamente um dinossauro, mas seres submicroscópicos e tortuosos, incapazes de metabolismo autônomo, porém em grau de agredir de modo parasitário células animais complexas, com capacidade de alterar o patrimônio genético. As vacinas, até o momento, nos protegeram; hoje, como única medida protetiva, temos o distanciamento, a reclusão em nossas casas, a renúncia ao consumo, a suspensão de todo e qualquer crescimento econômico, enfim, a renúncia social. Uma ameaça parece pairar sobre as nossas cabeças: se continuares a dilapidar recursos, te mato; se renunciares a tudo isto, talvez terás alguma possibilidade de sobrevivência. Parece uma equação mortal perfeita, com a qual a natureza está se defendendo de nossos abusos, do desperdício de recursos, da agressão às florestas e ao ecossistema. Um recado bom e belo, ao qual não somos capazes de replicar. Qualquer rebelião, naquele momento, traria consequências fatais para nós. Uma estratégia perfeita, da qual talvez devamos compreender o significado profundo, sistêmico, escondido no equilíbrio oculto da vida. O grande inquisidor do qual fala Dostoievski, que exige de nós conformidade e submissão (como mansos animais aferrados às nossas paredes domésticas), assumiu características ainda mais banais; mas seu poder se tornou inimaginável, como para manter toda a civilização sob controle.

Diante do mecanismo linear e simples da vida, toda e qualquer construção de relações sociais parece falhar: nós que tememos o Bug do milênio, na virada do século, hoje descobrimos que por uma manifestação nanométrica de meia-vida o sistema global de economia entrou em uma das mais profundas crises que conhecemos: onde palavras como direito ao trabalho, de bem-estar, dignidade social e a própria subsistência física foram colocadas em perigo. A globalização, da *mondialisation heureuse - globalização feliz* (MINC, 1997), revelou ao improviso o

seu sombrio contraponto pandêmico, do qual são responsáveis as nossas atividades nefastas de transformação do planeta. Uma punição de retaliação sem precedentes, vingança biológica da nossa bulimia de recursos, sustentada pelas leis do mercado, das finanças e de um crescimento ilimitado e contínuo (sonho esquizofrênico que é um índice, infelizmente, como escreve Luigi Sertorio, de “uma crescente disjunção entre privilégio e realidade” (SERTORIO, 2005, p. 119).

Entre as causas do nosso ser distante dos outros emerge, portanto, com extrema evidência, a nossa distância da natureza, a ponto de sermos transformados em perfeitos alienígenas ecológicos, irresponsáveis “destruidores de recursos” (SEGRÈ, 2015, p. 117), vítimas como somos da “dramática rescisão de vínculo com o mundo real” (CHELAZZI, 2013, p. 267). O desmatamento em escala global, como lemos em muitas pesquisas recentes, está muito provavelmente na origem do salto de espécie realizado pelo vírus. Os animais selvagens não encontrando mais um habitat apropriado, se aproximam da paisagem urbana, antropizada, produzindo – em uma rápida sequência de adaptação e mutação dos vírus dos quais são inocentes portadores – o distanciamento dos seres humanos de si mesmos. Improvisamente, a proximidade humana advém possibilidade de contágio, enquanto que as manifestações de afeto para com os entes queridos assume a forma de retrocesso, de respeitoso afastamento físico e até medo. *Noli me tangere - Não me toque* (Gv 20,17), como escreve Žižek, assume no presente um novo significado: representa a impossibilidade da vida social na presença de uma “turbulência econômica provavelmente pior do que a Grande Recessão” (ŽIŽEK, 2020, p. 42) causada da quase vida (estupidamente repetitiva e pré-sexual) de um vírus. Ao mesmo tempo, a fauna outrora remota – empobrecida e constrangida a migrar da antropização da paisagem frenética – busca amparo nas nossas cidades e em nossas casas, inaugurando uma forma de convivência fatal para os humanos.

Essas reversões, como dizia, estão transformando a nossa vida; mas isto não significa que devemos continuar a problematizar o presente, desfrutando a ocasião que nos foi concedida: uma dramática pausa de reflexão e de arrependimento, no qual quem é vivo – também a respeito de quem não é mais – tem o dever de manter elevado o valor da reflexão e do diálogo, mesmo à distância. Tudo isto, evidentemente, deve ser praticado do espaço translúcido da janela das nossas celas-habitações, como nos ensinou o pintor-colecionador Caillebotte (*Interior, mulher na janela*, de 1880): puro olhar asséptico sobre o mundo, a distância certa, em busca de uma visão – *visus* - que corresponda à nossa.



Mas as nossas janelas são mais potentes, são aquelas digitais facultadas pelos computadores, tablets e smartphone: de forma inesperada, elas, finalmente, estão a serviço da realidade, permitindo confrontar-nos sobre questões urgentes e, sempre a distância adequada, para conservarmos vivas as construções sociais que originamos. Das janelas, nessa suspensão de tempo e de vida, um gesto de arrependimento seria um sinal zeloso de decência. Estamos começando a apreciar o ar puro das cidades e as abelhas que retornaram às nossas sacadas, entre as flôres apenas desabrochadas das quais sentimos finalmente o perfume. Contudo, ficou claro e acima de tudo evidente que o fim do mundo só pode ter o aspecto banal e secularizado do fim do homem. A vida viral, continuará mesmo sem o homem, em modo que não somos capazes de prever. Mas o homem, sem um mundo mantido em equilíbrio sistêmico correto, corre o risco de dar lugar, em torno a si, a um habitat de todo símile a uma armadilha mortal. Onde a única lei em vigor é a dicotomia dentro/fora, mantida em vigor por um sólido muro invisível.

A política, nesse momento de macabra obscenidade sem retorno, tem muito a fazer; o risco é que, permanecendo inerte, seja enfeitiçada por uma versão própria muito simplificada (CUOZZO, 2020) da biopolítica, quase literal: isto é, que toda a organização social é prisioneira de um efeito patogênico de vida fora de controle, tornado devastador pela "unificação tecnoeconômica do planeta" (MORIN, 2012, p. 6). O conceito de pandemia, no fundo, é um efeito não desejado da globalização. A única resposta possível é uma política previdente e sem fronteiras, que entenda de economia, tecnologia, ética e ecologia em uma nova síntese que saiba responder aos desafios complexos da nossa era. Tudo isto que já advertia e havia recomendado Aurelio Peccei aos políticos nos primeiros Anos Setenta com sua proposta de um "novo humanismo".

Ou conseguimos elevar e desenvolver a nossa qualidade existencial, em harmonia com as mudanças acumulativas que produzimos nós mesmos em nosso mundo, ou, alienados e derrotados pelas criações de nosso gênio, iremos à deriva, atormentados por desastres igualmente cumulativos (PECCEI, 1976, p. 173-174).

Mas vejo um perigo enorme: que a política se reduza à força bruta, nua e irracional do vírus, cuja imagem kafkiana grávida é a dos agressores. Puro poder que assume o aspecto inquietante da mera imposição, da força da lei. Política viral, que dita leis destituídas de razão, aproveitando daquela simplificação – dentro/fora, amigo/inimigo – inaugurada pela Covid-19. Como no mundo distópico descrito pelo escritor americano Paul Auster em *O país das últimas coisas* (1987), em que a polícia "primeiro agride, depois pergunta".

Não é então por acaso que, durante o pior momento da emergência sanitária (ou ao primeiro aceno de um retorno à normalidade), assistimos, a nível global, a políticas rígidas e intransigentes, sem compromissos, que insistem que a direção do desenvolvimento tecnológico e econômico seja completamente coerente com as necessidades da humanidade. Enquanto as políticas de preservação do ambiente seriam escolhas ideológicas de uma classe culta rica e entediada; e que a proteção do trabalho, a luta contra a pobreza e o anteparo das populações nativas seriam visões nostálgicas de grupos improdutivos e reacionários que impedem o progresso. O presidente do Brasil, durante a 74^a Assembléia Nacional da ONU (2019), por exemplo, a propósito da floresta amazônica, principiou dizendo que "é um erro

afirmar que é patrimônio da humanidade e um equívoco confirmado pelos cientistas dizer que nossas florestas estão o pulmão do mundo”; Também declarou que “muitos dos indígenas que vivem no Brasil desejam o desenvolvimento, para poder se liberar dos grilhões”. Mas de quais correntes estamos falando? Aquelas de uma vida em equilíbrio com a natureza da qual não sabemos mais nada? Também aqui palavras destituídas de significado, vazias, que imediatamente ressoam como um refrão publicitário com o *slogan* “tolerância zero contra o terrorismo” (aqui o presidente do Brasil se referia ao caso concernente à extradição do terrorista italiano Cesare Battisti, ação que lhe rendeu a simpatia do governo italiano presidido então por Giuseppe Conte).

Mas o caso do Brasil não é único: não posso esquecer o caso do Capitólio, em Washington, em 6 de janeiro de 2021, o assim referido assalto ao Congresso: aquela ocupação violenta da sede da vida política americana, com participação das maltas da extrema direita Qanon e da organização Proud Boys, uma organização “dedicada a defender os patriotas americanos que foram esquecidos pelo governo”. Também nesse caso a política se fez viral, insinuando-se como um vírus na malha de uma grande democracia.

A mesma atitude, a mesma linguagem de Trump, manifesta a terrível banalidade de um vírus ...

Mas é a Europa inteira, que conheço melhor, a se transformar em laboratório para experimentar novas técnicas de controle de prótese e de controle de dissidência. A verdadeira luta, portanto, será contra um outro vírus: aquele que contagiou a política, reduzida a mero exercício da forças, aproveitando da terrível simplificação à qual nos habituou a pandemia da Covid Sars 19. E, acredito, que esta será uma batalha muito mais duradoura e difícil, porque colheu todos de surpresa durante nossa luta banal e terrível, pela vida ou pela morte.

Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. *Della seduzione*. Tr. it. P. Lalli. Milano: SE, 1997.
- CHELAZZI, Guido. *L'impronta originale. Storia naturale della colpa ecologica*. Torino: Einaudi, 2013.
- CUOZZO, Gianluca. *Etica dei resti*. Brescia: Morcelliana, 2020.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia dello spirito*. Tr. it. E. De Negri. Firenze: La Nuova Italia, 1985.
- KAFKA, Franz. *Il processo*. In Idem. *Romanzi*. Tr. it. E. Pocar. Milano: Mondadori, 2009.
- LANTERNARI, Vittorio. *Antropologia religiosa: etnologia, storia, folklore*. Bari: Edizioni Dedalo, 1997.
- MINC, Alain. *La mondialisation heureuse*. Paris: Plon, 1997.
- MORIN, Edgar. *La via. Per l'avvenire dell'umanità*. Tr. it. S. Lazzari. Milano: Raffaello Cortina, 2012.
- PECCEI, Aurelio. *La qualità umana*. Milano: Mondadori, 1976.
- SEGRÈ, Andrea. *Spreco*. Torino: Rosenberg & Sellier, 2015.

SERTORIO, Luigi. *Vivere in nicchia, pensare globale*. Torino: Bollati Boringhieri, 2005.

ŽIŽEK, Slavoj. *Virus. Catastrofe e solidarietà*. Trad. it. V. Salvati, M.G. Cavallo, F. Ferrone e B. Tortorella. Milano: Ponte alle Grazie. Kindle, 2020.

¹ Professor Titular da Universidade de Turim. E-mail: gianluca.cuzzo@unito.it

² Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz. Coordenador do Projeto de Pesquisa “Wilson Lins: o demiurgo artesanal que entrelaçou Goethe, Nietzsche, Sertão e Cangaco”, com registro SEI 073.6770.2020.0007700-15. E-mail: savio@uesc.br

Recebido em: 11/2021
Aprovado em: 12/2021